

Arquitetos contemporâneos da Escola do Porto

Uma análise panorâmica das obras de arquitetos portugueses de diferentes gerações

Yuri de Souza Duarte*

Resumo A denominada Escola do Porto foi um movimento português que produziu ecos identificáveis nas produções arquitetônicas até a contemporaneidade. Este artigo apresenta uma análise panorâmica da produção de dois grupos de notáveis arquitetos portugueses, considerando aspectos como: histórico de trabalho; relação de tutoria com outros arquitetos; formação profissional; e caracterização de sua obra. O primeiro, formado por Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura; e o segundo composto por João Carrilho da Graça, os irmãos Nuno e José Mateus (escritório ARX), os irmãos Manuel e Francisco Nuno Aires Mateus e Nuno Brandão Costa.

Palavras-chave: arquitetura portuguesa, Escola do Porto, arquitetura contemporânea.

Contemporary architects of the Porto School. A general studie about the works of portugueses architects of different generations.

Abstract The named School of Porto was a portuguese movement that produced ecchoes in the architectural's productions to the present day. This paper presents an analysis of the production of two groups of portugueses architects, considering features such: job history; mentoring with others architects; professional qualification; and a description of their work. The first formed by Fernando Távora, Álvaro Siza and Eduardo Souto de Moura; and the second by João Carrilho da Graça, the brothers Nuno and José Mateus (ARX Office), the brothers Manuel and Francisco Aires Mateus Nuno; and Nuno Brandão Costa.

Keywords: portuguese architecture, School of Porto, contemporary architecture.

Arquitectos contemporâneos de la Escuela del Porto. Un análisis panorámico en las obras de los arquitectos portugueses de diferentes generaciones.

Resumen La denominada Escuela del Porto fue un movimiento portugués que produjo ecos identificables en las producciones arquitectónicas hasta la contemporaneidade. Este artículo proporciona una visión general de análisis de la producción de dos grupos de arquitectos portugueses notables, considerando aspectos tales como la historia del trabajo; relación de tutoría con otros arquitectos; formación profesional; y caracterización de su obra. El primero formado por Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira y Eduardo Souto de Moura; y el segundo compuesto por João Carrilho da Graça, los hermanos Nuno y José Mateus (oficina ARX), los hermanos Manuel y Francisco Nuno Aires Mateus; y Nuno Brandão Costa.

Palabras clave: arquitectura portuguesa, Escuela del Porto, arquitectura contemporânea.

Esta investigação possui como objetivo apresentar a influência da denominada Escola do Porto, em Portugal, na produção de arquitetos contemporâneos do país, a partir de características e abordagens similares desempenhadas por profissionais de diferentes gerações. Observada a partir da década de 1950, foi um movimento ocorrido na cidade do Porto, no âmbito da instituição de ensino Escola de Belas Artes do Porto (ESBAP), sob um contexto político e social específico, inicialmente em uma postura ativa em relação ao governo ditatorial que vigorou entre os anos 1933 e 1974.

Em um primeiro momento, se desenvolveu a partir da contribuição teórica e projetual de diversos atores, principalmente professores e profissionais arquitetos, frente a algumas abordagens do *movimento modernista*. Posteriormente, as mudanças sociais ocorridas no país, sobretudo a partir do período pós-revolução (1974), e acentuadas ao longo das décadas de 1980 e 1990, com a entrada de Portugal na Comunidade Econômica Europeia, em 1986, alteraram profundamente as dinâmicas de mercado e da produção das cidades e, conseqüentemente, o papel do arquiteto, agora mais voltado para atender o programa do mercado.

Para melhor compreendermos o reflexo desse período nas aplicações práticas e teóricas profissionais, e como este se perpetua até hoje, discutiremos a produção de arquitetos oriundos do movimento Escola do Porto, ou influenciados por ele. Neste sentido, este artigo apresenta dois grupos distintos de personagens, sendo o primeiro diretamente relacionado à Escola do Porto – com papel ativo no seu reconhecimento nacional e internacional durante a segunda metade do século XX –, composto por Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, enquanto o segundo – mais enfatizado nas descrições deste trabalho - formado por outros arquitetos portugueses, atuantes na contemporaneidade, com abordagens características do movimento: João Carrilho da Graça; os irmãos Manuel e Francisco Nuno Aires Mateus; os irmãos Nuno e José Mateus (escritório ARX); e Nuno Brandão Costa. Composto por diferentes gerações, não foi tomado como critério de escolha a formação na instituição Faculdade de Arquitetura do Porto (FAUP), mas a influência dos temas da Escola do Porto sobre suas obras.

Além de destacar a obra dos arquitetos pertencentes ao segundo grupo, menos conhecidos no Brasil, esta divisão permite um maior diálogo com a produção do primeiro grupo, devido a sua proximidade profissional e de tutoria – Fernando Távora foi professor de Álvaro Siza Vieira, que foi professor de Eduardo Souto de Moura. Porém, como mostrado ao longo deste artigo, é possível perceber uma continuidade entre as abordagens de todos os arquitetos apresentados.

* Yuri de Souza Duarte é Arquiteto e Urbanista, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-9810-8823>>.

Assim, este trabalho busca estabelecer uma análise panorâmica da produção destes arquitetos, considerando aspectos como: histórico de trabalho; relação de tutoria com outros arquitetos; formação profissional; e caracterização geral de sua obra. Para tanto, foram destacadas intervenções de acesso público, como parques e museus, de caráter social, e de reabilitação de patrimônio histórico, obras impactantes no tecido urbano existente e que demonstram preocupações teóricas e projetuais comuns. É necessário ressaltar que, ciente da impossibilidade de elencar uma gama maior de obras similares às aqui apresentadas, este trabalho se propôs a destacar intervenções importantes na trajetória do arquiteto e que reúnam o maior número de características de sua produção geral.

Maiores expoentes da Escola do Porto

Dentre o primeiro grupo, podemos afirmar que Fernando Távora possui uma carreira acadêmica mais sólida. Formado pela ESBAP, em 1952, participou do trabalho da arquitetura portuguesa intitulado *“Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa”* (1955), lecionou na ESBAP a partir de 1957 – como “assistência graciosa” até 1958, quando foi promovido a 2º assistente e nomeado a professor agregado em 1962. Enquanto docente, participou de importantes acontecimentos na instituição, como o período de “Experiência” e a transição institucional, de ESBAP para Faculdade de Arquitetura do Porto (FAUP), em 1979, da qual fez parte na Comissão Instaladora, e se manteve como professor (PORTO, 2016). Dentre outras influências, seus projetos receberam a contribuição teórica das participações nos CIAM’s e Team X.

Álvaro Siza Vieira realizou sua formação na ESBAP, entre os anos de 1949 e 1955, e trabalhou no ateliê de Fernando Távora entre os anos de 1955 e 1958. Na carreira acadêmica, o arquiteto lecionou como professor na ESBAP, nos períodos: 1966 a 1969; 1976 a 2003. Como professor visitante, passou por instituições internacionais, como a *Escola de Los Andes*, em Bogotá (Colômbia), e a *Graduate School of Design of Havard University*, na qual foi “Kenzo Tange Visiting Professor”. Além disso, recebeu diversos prêmios internacionais, como o Pritzker, em 1992, e o reconhecimento como membro honorário de importantes instituições de arquitetura no mundo, como a *American Academy of Arts and Sciences*, o *Royal Institute of British Architects* (RIBA), entre outros (MELO, 2017, p.238).

Eduardo Souto de Moura pertence à geração seguinte a de Siza Vieira, tendo finalizado a graduação na (FAUP), em 1980, e colaborado no ateliê de Álvaro Siza Vieira, entre os anos 1975 e 1979. Atuou como professor assistente na FAUP, entre os anos de 1981 e 1991, além de ter passado por outras universidades como professor convidado, a citar: Paris-Belleville; Havard; Dublin; Zurich; Lausanne; e Montova. Recebeu prêmios internacionais importantes, como o Piranesi Prix de Rome 2017, e o Pritzker em 2011 (MELO, 2018a, p.207).

Considerado o mais importante da área de arquitetura, o prêmio Pritzker avalia a qualidade e consistência da obra do autor ao longo do tempo e, até o momento, Souto de Moura e Siza Vieira são os únicos arquitetos portugueses a receberem tal condecoração, ambos oriundos da mesma instituição de ensino. Para além da relação de tutoria dos três arquitetos, a sua proximidade pode ser simbolicamente representada no edifício de escritórios, na cidade do Porto, que abriga seus ateliês,

o qual foi projetado por Siza Vieira, em 1993, após um “concurso reservado” e “amigável” entre os três, “consolidando a profunda partilha intelectual que sempre alimentaram” (MELO, 2017, p. 112). O andar mais alto era ocupado por Fernando Távora, o intermediário, por Siza Vieira, o primeiro por Souto de Moura, enquanto o térreo abriga ambientes de apoio, recepção, estacionamento, arquivo, entre outros. Além disso, este simbolismo é reforçado pela proximidade física do edifício à FAUP.

Na trajetória de Fernando Távora, destacamos as contribuições no sentido de validar o sistema moderno em Portugal, em parte, devido à sua posição crítica e de resistência ao movimento “Casa Portuguesa”, como imagem iconográfica do regime ditatorial do Estado Novo. Em seu texto “O problema da ‘Casa Portuguesa’”, de 1947, trouxe a necessidade de estudar efetivamente a verdadeira casa popular de Portugal, pois ela seria a mais funcional e genuinamente portuguesa. Posteriormente, com o trabalho de pesquisa *Inquérito à arquitetura Popular Portuguesa*, realizado entre 1955 e 1961 sob sua coordenação e de Keil do Amaral, é realizado um levantamento da arquitetura popular, por meio de métodos e instrumentos modernos, que influenciou, e ainda influencia, diferentes gerações de profissionais no país, oriundos das diversas instituições de ensino. (FIGUEIRA 2002, p.44 e 48; LEAL, 2008, p. 8).

Assim, destacamos a obra do Pavilhão de Tênis (1956-1960), de Fernando Távora, e a Piscina (1957-1965), de Álvaro Siza Vieira, ambos projetos situados na Quinta da Conceição, em Matosinhos (Portugal), que integraram um plano elaborado por Távora para transformar a localidade rural em um parque público (MELO, 2017, p. 82). O Pavilhão é um “ponto de referência” na carreira do arquiteto pois utiliza materiais e técnicas tradicionais e os aplica de maneira moderna.

O autor afirma que este projeto é o equivalente de Távora ao que o pavilhão de Barcelona foi para Mies van der Rohe, dentro de um momento histórico de consolidação da nova linguagem arquitetônica, uma oportunidade de “concretizar as suas ideias de arquitetura quase sem condicionantes [...] numa obra que é, acima de tudo, um manifesto, uma demonstração de um modo de fazer”. Associada aos elementos modernos, como o concreto, podemos perceber a presença de elementos e materiais tradicionais: a pedra, a madeira, a alvenaria e o mosaico (FERNANDES, 2010, p. 154 e 155).

Inicialmente, o projeto da piscina da Quinta da Conceição começou a ser elaborado por ambos os arquitetos, mas no decorrer do processo, Távora o cedeu totalmente para Siza Vieira dar continuidade. Esta obra possui caráter marcante na trajetória do arquiteto, tanto por se tratar da sua primeira grande intervenção em escala pública, como pelas soluções adotadas. Ao elaborar a piscina do parque, Siza Vieira reaproveitou um tanque de rega existente, localizado na cota mais alta do terreno, e “criou uma série de plataformas em seu redor, sustentadas por longos muros de suporte, de direção variável e sujeita à topografia” (MELO, 2017, p. 82). Ao aproximar a sua produção com a do arquiteto Alvar Aalto, Fernandes (2010, p. 217 e 218) descreve o “*percurso controlado*” que o visitante necessita realizar dentro do parque, até chegar na piscina.

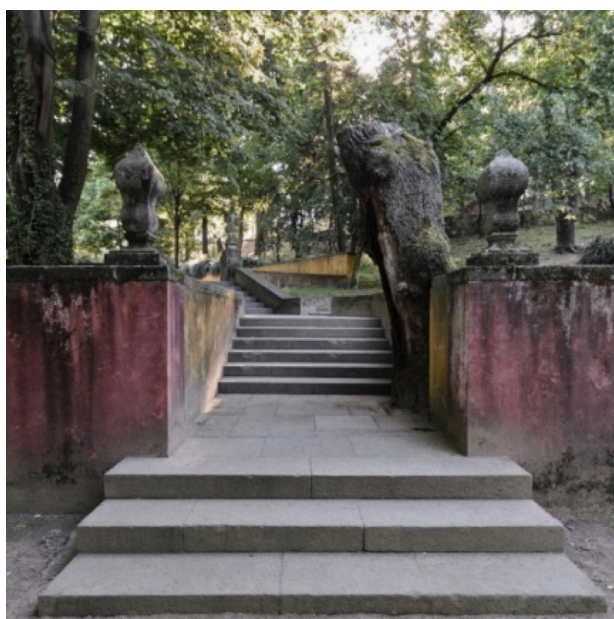
Devido à sua localização no nível mais alto do terreno, é necessário caminhar por um longo trajeto que antecipa a “surpresa” da edificação. Conduzidos pelos pátios (amarelo e vermelho) no interior do parque, projetados por Távora. O visitante passa pelas escadarias (próxima ao pavilhão de Tênis), e margeia a sequência lateral de

paredes brancas escalonadas das piscinas. Assim como o pavilhão da quadra de tênis, os caminhos apresentam uma linguagem moderna associada aos elementos tradicionais como, por exemplo: o pórtico em pedra, os balaústres decorativos, também em pedra, ou mesmo, a interrupção da alvenaria para preservar uma árvore.

Figura 1: Caminhos do Parque Quinta da Conceição. Fonte: Carlos Castro.

Figura 2: Piscina da Quinta da Conceição. Fonte: Leça da Palmeira, 2016.

O caminhar próximo à piscina causa uma expectativa pela sua chegada, uma vez que, apesar do vislumbre e da proximidade com o destino, não é possível visualizar o seu interior em virtude da altura das plataformas. No interior da edificação, a área se revela aberta e próxima à natureza existente, em que, devido ao declive do terreno, há uma aproximação visual do indivíduo com as árvores do local.



Da maneira similar, a Piscina das Marés de Leça de Palmeira, em Matosinhos (1960-1966/1993-1995), de Siza Vieira, também é marcada pela experiência da “expectativa e recompensa”. Um espaço público que aproveita a depressão rochosa existente na praia, a piscina das marés funciona como um elo entre o construído (calçada) e o natural (mar). O arquiteto concebe uma edificação com uma rampa de acesso em ziguezague que, ao mesmo tempo, vence o desnível e estabelece um percurso controlado sob o visitante (MELO, 2017, p. 74). Ao descer pela rampa da entrada e percorrer o trajeto interno, os caminhos tornam-se mais fechados, estreitos, com altas paredes laterais e perspectiva visual voltada para o início de outros caminhos; formam corredores alongados pelas linhas horizontais do concreto desenformado que caracteriza o acabamento das paredes.

O caminhar pelo interior da construção em forma de “labirinto” causa uma expectativa, assim como na piscina da Quinta da Conceição, porém, há uma antecipação pelo som do mar, de maneira que não é possível vê-lo, apenas ouvi-lo. Ao chegar no destino, o plano de visão repentinamente torna-se totalmente aberto à praia, como uma recompensa pela chegada. Em uma linguagem claramente moderna, na opinião do autor deste artigo, Álvaro Siza Vieira consegue atingir o ponto máximo da adequação da obra ao contexto existente. Por meio da utilização de materiais modernos, há uma conciliação entre a natureza enérgica e constante do mar, e a rigidez sóbria do concreto. O resultado é um equipamento público com qualidade funcional, estética e de uso, no nível da experiência: uma obra atemporal.

Figura3: Piscinas de Maré – Corredor interno. Fonte: Acervo do autor, 2018.





Figura 4: SAAL São Victor – fachada frontal. Fonte: Abel Coetrão, 2012.

Também é fundamental destacar nas obras de Siza Vieira, bem como na trajetória da Escola do Porto, a experiência do SAAL (1974-1976): um programa de assistência técnica e financeira para construção de moradias populares em Portugal, criado logo após a Revolução de 25 de Abril de 1974, pelo então ministro da habitação, Nuno Portas. No contexto do programa, Siza Vieira coordena duas intervenções no Porto, denominadas São Victor (1974 - 1979) e Bouça (1975 - 1977 / 1999 - 2006). Em ambos os projetos, foi adotada a tipologia tradicional de “ilha operária” de habitação, formada por edificações geminadas duplex, em terrenos estreitos e profundos (MELO, 2017, p. 124 e 132). Porém, com o fim repentino do programa, em 1976, as construções não foram concluídas na época prevista.

O projeto de São Victor (1974 - 1979) é situado no centro histórico da cidade e envolvia 615 casas, porém, apenas a parcela da Senhora das Dores foi executada, com quatro reabilitações e doze novas construções (MELO, 2017, p. 132). A intervenção, que contou com a participação de Eduardo Souto de Moura na equipe, partiu da anulação da expropriação da localidade, que criaria um parque de estacionamento no local, e expulsaria as famílias para zonas periféricas. Mesmo com a execução parcial do projeto, a localidade, atualmente, apresenta espaços confortáveis para circulação e convivência nas proximidades das residências. Em frente às habitações, há um generoso espaço para pedestres, em cota mais elevada, com transições suaves por meio de rampas ou degraus e, ainda, um banco moldado em concreto desempenha a função de anteparo, onde a diferença de nível com a rua é menor.

A intervenção da Bouça (1975 - 1977 / 1999 - 2006) é localizada próxima ao centro da cidade do Porto, entre a linha férrea e a Avenida Boa Vista – um dos principais eixos de locomoção da cidade. O projeto foi contratado pela cooperativa de habitação e visava receber os moradores oriundos da “Ilha da Bouça”. É importante destacar que a construção foi interrompida com apenas um terço das habitações concluídas, devido ao fim do SAAL em 1976, e ocupada irregularmente até o ano de 1999 (MELO, 2017, p. 124). Devido à forma irregular do terreno, o conjunto é disposto por quatro blocos locados paralelamente (com diferentes comprimentos) e um quinto bloco ao fundo do lote, que, juntamente com o muro, protege as habitações do ruído do metrô (MELO, 2018b, p. 158 e 159). Atualmente, a obra está integrada ao contexto urbano.

Esta integração ao também é observada na obra de Eduardo Souto de Moura, como o Estádio de Braga (2000 / 2002 – 2003) e o Mercado Municipal de Braga (1980 – 1984). O mercado, que havia sido fechado devido às mudanças do comércio local, posteriormente, sofreu uma nova intervenção para ser transformado na Escola de Dança e Música (1999 – 2001). O terreno do edifício era uma propriedade rural dentro da cidade, com muros de pedra aproveitados na construção. Situado em uma área de expansão urbana, até então não formada, o mercado contribuiu intencionalmente para estruturar a futura urbanização da área (FERNANDES, 2010, p 543). A edificação realiza uma ligação entre as duas ruas do quarteirão, possui uma disposição retilínea limitada por um muro, como um corredor, coberto por uma grande laje de concreto e sustentado por uma retícula de pilares (MELO, 2018a, p.64). Na segunda intervenção na obra, a laje foi suprimida, os pilares foram mantidos, e o espaço central transformado em jardim.

Figura 5: Mercado de Braga – vista interna (após reconversão).
Fonte: Braga, 2013.



Figueira (2002, p. 135 e 136) ressalta que Souto de Moura, assim como importantes arquitetos contemporâneos, produz uma arquitetura que utiliza de modelos “distintos da cultura que o formou”. Agora, a arquitetura é tratada como *produto cultural* e não segue mais uma abordagem específica (Moderno ou outra) e, sim, “basta-se como *espetáculo* cuja transcendência está por vezes fora dos elementos convencionais do projeto”. Porém, entendemos estas diferenças apontadas por Figueira (2002), como uma variação estética na aplicação de abordagens similares, também observadas nas obras dos demais arquitetos aqui apresentados.

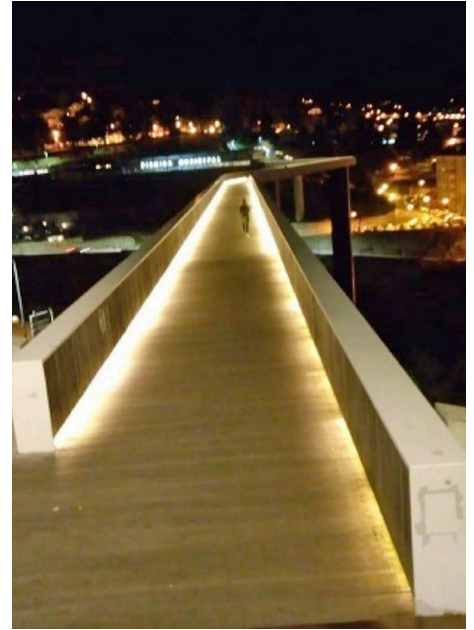
Por fim, reconhecida a relevância e influência deste grupo na produção contemporânea portuguesa, podemos discorrer sobre um segundo grupo de notáveis arquitetos, que apresentam convergências com estes três primeiros. Nesse ínterim, apesar das mudanças na dinâmica de mercado e do perfil do profissional ao longo do tempo, é possível estabelecer relação nas produções contemporâneas com as abordagens da arquitetura da Escola do Porto.

Uma outra geração

Formado pouco antes de Eduardo Souto de Moura, João Carrilho da Graça graduou-se pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) em 1977, começando a atuar profissionalmente no mesmo ano. Lecionou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, entre os anos 1977 a 1992, foi professor da Universidade Autónoma de Lisboa, de 2001 a 2010, e na Universidade de Évora desde 2005. Dentre os prêmios recebidos, destacamos o *Piranesi Prix de Rome* em 2010, pela conversão da praça arqueológica do Castelo de São Jorge, em Lisboa, além das indicações ao prêmio Mis Van der Rohe nos anos de 1990, 1992, 1994, 2009, 2010 e 2011 (JOÃO CARRILHO DA GRAÇA ARQUITECTOS, 2018). Mais recentemente, a edição 2017 do Prêmio Valmor, concendido em Lisboa, em decorrência da construção do Terminal de Cruzeiros (2010 – 2018).

Em Lisboa, o contexto da década de 1980 foi marcado pela crescente afirmação *pós-modernista*, com publicações que introduziam o termo *pós-modernismo* ao contexto português, como a edição de abril de 1982 do recém-criado *Jornal Arquitectos* – com apresentação dos arquitetos e teóricos Charles Jencks, Bofill, Robert Venturi, Rob Krier e Maurice Culot –, a edição da revista *Arquitectura*, de março de 1983, intitulada “Novíssimos”, em que anunciou a renúncia da abordagem política e social pela arquitetura, uma recusa ao Moderno. Em janeiro do mesmo ano, ocorreu a exposição *Depois do Modernismo*, com presença de participantes e objetivos em comum com a publicação dos “Novíssimos”, abordando diversas áreas, e produzindo considerável impacto cultural (FERNANDES, 2010, p. 271 a 273).

Apesar de formado pela ESBAL, Fernandes (2010, p. 277) coloca que João Carrilho da Graça se distancia da linguagem *pós-moderna* e dos “métodos de *colagem* e sedução pela imagem”, ao voltar-se ao *Movimento Moderno*, em suas “novas manifestações”. Assim como os arquitetos da época, produziu uma obra moderna, sem o conteúdo ideológico, político, e do progresso, mais voltado ao desempenho da edificação. Diogo Seixas Lopes (2015, p. 86 a 91) realiza uma análise sobre a abordagem da obra do arquiteto, ressaltando o ambiente de fatores diversos aos de Lisboa, em oposição à austeridade do Porto das décadas de 1970 e 1980.



Figuras 6 e 7: Ponte para pedestres em Covilhã. Fontes: (foto da esquerda) - Fernando Guerra, 2010; (foto da direita) - Marília Veleda, 2019.

O texto “Diz-lhes que estás a afogar um crocodilo” (1985), faz referência a um diálogo do filme “*Stranger Than Paradise*” (1984) que, rodado em preto e branco, contribuiu para definição de “um imaginário às avessas com as cores flamejantes que se associavam ao pós-moderno”, escolhendo, no lugar, uma alternativa mais rígida e sóbria (LOPES, 2015, p. 86 e 87). Assim como Souto de Moura, é possível observar que, formalmente, o arquiteto adota formas puras na concepção inicial do projeto, porém, por vezes, “descola” a edificação do chão ou da base principal. Ao mesmo tempo em que quebra o seu caráter *monolítico* - através de passagens permeáveis - adequa-se à topografia local. Como exemplo, Lopes (2015, p.88) menciona os projetos Piscina Municipal de Campo Maior (1982-1990) e a Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (1987-1993), os quais que, apesar de estarem situados em contextos diferentes, possuem a sua acomodação no terreno como fator primordial na concepção.

Ainda segundo o autor, Carrilho da Graça manteve o legado do moderno nas reflexões críticas, como uma continuação da *racionalidade*, de maneira que seus projetos agregariam “outras figuras” ao longo do tempo; especificamente, a tecnologia. Obras como “O Pavilhão do Conhecimento dos Mares” (1995-1998), no contexto da Expo 98, o Centro de Documentação do Palácio de Belém (1997-2002), em Lisboa, e o Teatro e Auditório em Poitiers (2008), na França, são exemplos de como as preocupações específicas, como acústica e termodinâmica se sobrepõem às “extravagâncias infundadas” das edificações pós-modernas. Endossam o discurso de austeridade e preservam a abordagem do arquiteto “definida por longos planos brancos irmanados a nítidas superfícies de sombra ou tinta”, “sem cair nas armadilhas dos encantos *high-tech*, nem na secura de uma pura abordagem funcionalista” (LOPES, 2015, p. 88 e 89). Além destas obras, podemos destacar a Ponte para pedestres (2007 – 2009), em Covilhã, a intervenção de Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge (2008 – 2010) e o Terminal de Cruzeiros de Lisboa.



Figuras 8 e 9: Musealização da Praça de São Jorge. Fonte: Fernando Guerra, 2010.



Figuras 10 e 11: Terminal de Cruzeiros de Lisboa. Fonte: Acervo do autor, 2018.

O ateliê ARX Portugal, composto pelos irmãos arquitetos José e Nuno Mateus, fundado em 1991, possui um trabalho de destaque em Portugal. Suas obras possuem uma variedade de linguagens e apresentam soluções simples, porém, com volumes não convencionais. Para a elaboração do projeto, o escritório estabelece um processo de investigação e experimentação (ARX PORTUGAL ARQUITECTOS, LDA, 2018). Dentre os prêmios recebidos, destacamos: duas indicações ao Mies van der Rohe, 2003 e 2014; AICA Arquitetura – Associação Internacional dos Críticos de Artes, 2002; Prêmio Internacional de Arquitetura Chicago Athenaeum, 2006 e 2008; e a nomeação no XXI Encontro Internacional UIA (Berlim), 2002.

Do grupo de arquitetos apresentados neste tópico, Nuno Mateus é o profissional com mais experiências junto a arquitetos internacionalmente reconhecidos. Licenciado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FAUTL) em 1984, trabalhou com Peter Eisenman, em Nova Iorque (1987-1991), e com Daniel Libeskind, em Berlim (1991). Além disso, finalizou o curso de mestrado “*Master of Science in Architecture and Building Design*”, na Universidade de Columbia, também em Nova Iorque, em 1987 (ARX PORTUGAL ARQUITECTOS, LDA, 2018), onde teve aula com arquitetos pertencentes ao *Star System* internacional, como Eric Owen Moss, Thom Mayne, e Zaha Hadid (NUNO MATEUS, *apud* Jordão e Mendes, 2004). Em 2013, finalizou o curso de doutorado pela Faculdade de Arquitetura de Lisboa (FAUL) e, atualmente, é professor desta instituição e da Universidade Autónoma de Lisboa (UAL).

José Mateus finalizou a graduação em arquitetura em 1986, também pela FAUTL, e trabalhou com Daniel Libeskind (Berlim) no ano de 1991, juntamente com seu irmão. Academicamente, lecionou no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e na Universidade Internacional da Catalunha (ARX, 2018). Segundo Baptista e Ventosa (2006), a experiência profissional com dois grandes expoentes do *Desconstrutivismo*, influenciou os irmãos contrariamente ao esperado, de maneira que estabelecem uma afirmação cada vez mais pragmática e próxima da realidade [local] nas soluções arquitetônicas.

Segundo Figueira (2004), em uma abordagem “experimental”, os arquitetos recriaram os ensinamentos de Peter Eisenman e Daniel Libeskind. Ele cita o exemplo do conceito de “deslocamento” (de Eisenman), ligado à expressão da transitoriedade e movimento do edifício, experimentado no projeto do Museu de Ílhavo (1998-2002), em Portugal. Elaborado a partir de volumes adicionados a uma estrutura existente, a obra é definida pelo movimento sequencial das estruturas, novas e antigas. Neste “embate”, a estrutura pré-existente fixa o edifício, como uma âncora pesada, ao mesmo tempo que permite o sequenciamento “livre” dos volumes adicionados.

Sobre o contexto de sua implantação em relação à cidade, o autor coloca que o museu está situado em área de casas “pequeno-burguesas”, e de “lógica individualista”. Onde a edificação não estabelece um “diálogo” com o tecido urbano, pois, essa arquitetura “pressuporia muito provavelmente estar ‘contra’ aquele sítio”. Sinalizando a existência de uma convergência dessas referências dos ARX, com as raízes da tradição moderna portuguesa.

Para melhor esclarecer este aspecto, retomaremos a análise do mesmo autor sobre a obra de Siza Vieira, casa Avelino Duarte (1985), em Ovar. Segundo Figueira (2002,

p.85 e 86), numa inusitada visão crítica, a expressão do arquiteto “a ideia está no sítio” significa, “a ideia está no modo como neste particular sítio vamos continuar/encontrar o projeto Moderno”. Neste sentido, a relação da obra de Siza Vieira com o contexto é nenhuma, pois a ideia que está no terreno da casa é a mesma existente nos outros terrenos envolventes: a arquitetura Moderna.

Apesar destas análises, é perceptível a existência de outros aspectos que sugerem uma preocupação com a continuidade do espaço urbano. O museu não possui muros nas duas fachadas principais, de maneira que o recuo deixou uma generosa área livre para a transição de pedestre, onde a presença de alguns elementos gera movimento e contraste, de volumes e materiais. Na parte frontal do prédio, foram criadas pequenas plataformas de aço, com inclinações laterais, preenchidas com cascalho branco, até o limite das paredes de entrada. Visualmente é possível perceber a austeridade no uso de materiais e formas em toda a edificação, como os bancos externos retangulares, e a presença de volumes horizontais e predominantemente retangulares nas fachadas, que produz uma edificação sóbria.

Segundo Nuno Mateus, o volume da edificação existente do Museu continuou perceptível, porém, em linguagem contemporânea. A sobriedade do prédio é traduzida no preto e branco: o preto em referência histórica à tinta de alcatrão, aplicadas nas partes inferiores dos barcos, e o branco em referência à arquitetura portuguesa tradicional. Referência de cor invertida nos volumes da ampliação do museu (2011 - 2012). A nova obra, um aquário de bacalhaus, funciona como espaço de exposição e transição. Liga o museu Marítimo a uma escola existente, implantada em um lote do quarteirão vizinho. Marcada por uma ponte que, ao cruzar a rua e permitir o trânsito livre dos carros, cria uma praça pública sombreada. Outro aspecto mencionado pelo arquiteto é a preocupação com a escala do local. Para manter o gabarito das edificações adjacentes, predominantemente com dois andares, o complexo do museu foi dividido em diversos volumes para agregar todo o programa (ARCHMARATHON 2015, 2018).

Figura 12: Museu de Ílhavo – vista aérea. Fonte: Figueira, 2004.





Figuras 13 e 14: Museu de Ilhavo – vista externa da ampliação.
Fonte: Fernando Guerra, 2013.

A respeito do processo de trabalho dos arquitetos, é importante citar o uso exaustivo da maquete na concepção de projeto. Para uma residência unifamiliar, chegam a fazer 20 a 30 maquetes. Em entrevista a Baptista e Ventosa (2006), os arquitetos explicam o processo de experimentação de hipóteses por meio do uso das maquetes, desde a concepção inicial do projeto, até o nível mais detalhado. Metodologicamente, esta técnica foi incorporada das experiências na Universidade de Columbia com Peter Eisenman. Um dos frutos da utilização desta metodologia foi a exposição ARX Arquivo, em 2013, ocorrida no Centro Cultural de Belém, no salão Garagem Sul. A exposição conteve 1.500 maquetes, oriundas do processo de trabalho do ateliê, (MELÂNEO, 2013).

O ateliê Aires Mateus é formado pelos também irmãos Manuel e Francisco Aires Mateus, graduados pela Universidade Técnica de Lisboa nos anos de 1986 e 1987, respectivamente. Ambos trabalharam no escritório do arquiteto Gonçalo Byrne, no período de 1983 a 1988, ano em que abriram a própria empresa. Assim como os outros profissionais apresentados neste artigo, juntamente à carreira profissional, ambos possuem uma trajetória acadêmica. Manuel Aires começou a lecionar como professor da Universidade de Lusíada em 1997, foi professor da Universidade Independente de Lisboa, entre os anos de 2002 a 2005, e lecionou como professor convidado na *Graduate School of Design, Harvard University*, em 2002 e 2005. Francisco Manuel começou como professor da Universidade Autónoma de Lisboa, em 1998. Posteriormente, lecionou como professor convidado na *I.E Universidad*, na cidade de Segóvia, Espanha, em 2012, na *Oslo School of Architecture*, em 2009, e na *Graduate School of Design, Harvard University*, em 2005. Além das experiências suparcitadas, lecionam juntos uma cadeira na *Accademia di Architettura de Mendrízio*, na Suíça, desde 2012 (UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE LISBOA, 2018).

Dentre os prêmios recebidos pela produção do escritório, destacamos o prêmio Panorama de Obras da X BIAU (Bienal Iberoamericana de Arquitetura e Urbanismo), em 2016, pelas obras Casa no Tempo (2014) e a Sede Corporativa da EDP (2008 – 2015), também angariada com o prêmio Valmor 2017 (BIENALES DE ARQUITECTURA, 2018). Além disso, somam 10 indicações ao prêmio Mies van der Rohe, das quais foram finalistas em duas delas: em 2007, pelo Centro de Artes na cidade de Sines; e, em 2013, pela Casa de Idosos na cidade de Alcácer do Sal (FUNDACIÓ MIES VAN DER ROHE, 2018).

Os arquitetos afirmam que as principais influências portuguesas em seus trabalhos são o arquiteto Gonçalo Byrne – descrito como presença da Escola do Porto em Lisboa – e Álvaro Siza Vieira – de quem absorveram, dentre outras coisas, a atenção focada ao local e suas heranças, e a capacidade de desenhar a forma do lugar através do projeto (ARCHITECTURE BIENNALE, 2010). Em seus projetos, é possível observar a utilização de elementos reconhecíveis (arquétipos), como por exemplo: espessura, as pirâmides, e as abóbodas, presentes em obras como o Museu Farol Santa Marta (2007), em Cascais, e o Centro de Convívio (2016), em Grândola (ADRIÃO E CARVALHO, 2007, p. 66,67 e 79).

Figuras 15 e 16: Museu Farol Santa Marta – vista externa. Fonte: www.archdaily.com, 2008.





Figuras 17 e 18: Centro de Convívio de Grândola – vista externa.
Fonte: Nelson Garrido, 2016.

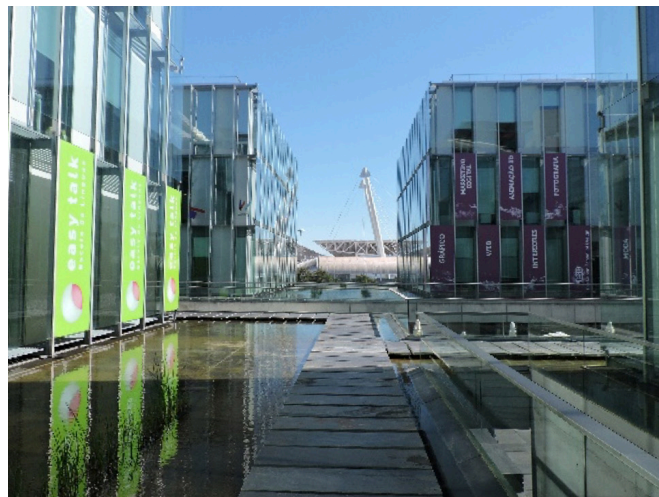
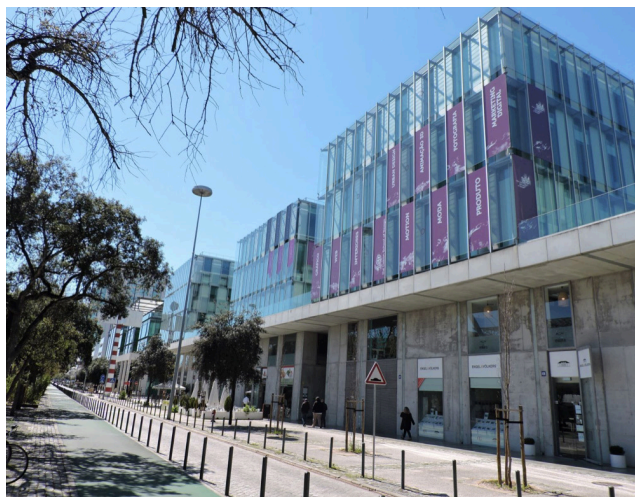
De uma forma geral, as obras dos Aires Mateus apresentam composições elaboradas por volumes simples e o emprego de um mesmo material em toda edificação, por vezes, totalmente na cor branca, a partir de elementos naturais, como a pedra, o vidro ou o concreto aparente. Também destacamos dois aspectos citados frequentemente a respeito do seu processo de trabalho: (1) a preocupação com as condicionantes humanas do usuário, desde o início do processo criativo, operacionalizada por meio da elaboração de maquetes na escala 1:20; (2) a necessidade de estabelecer continuidades com o contexto urbano e a história do lugar através do tratamento das ruínas existentes (KOGAN; MORI, 2018).

Em sua trajetória profissional, os arquitetos apontam como fundamental o projeto de recuperação da casa de Alenquer (1999 - 2002). Uma parcela considerável da casa original caiu ao longo da obra da intervenção, restando algumas ruínas de paredes, com um metro de largura e sete de altura. Nesse contexto, um novo projeto foi elaborado, a partir do reconhecimento da ideia de dois tempos: o das ruínas, caracterizado pela liberdade histórica do tempo, e o do objeto arquitetônico, caracterizado pela precisão moderna.

Figura 19: Casa em Alenquer – vista externa. Fonte: www.miesarch.com, 2003.

Figuras 20 e 21: Edifício Mar do Oriente – vista externa e passeio interno. Fonte: Acervo do autor, 2018.

O profissional da geração mais recente de arquitetos apresentados neste trabalho é Nuno Brandão Costa. Graduado pela Faculdade de Arquitetura do Porto (FAUP), em 1994. Durante a formação, estagiou no escritório de *Herzog & de Meuron*, entre os anos de 1992 e 1993, na cidade de Basileia, na Suíça. Trabalhou no escritório português José Fernando Gonçalves & Paulo Providência, entre os anos 1993 e 1997,



e em 1998, iniciou a produção em seu próprio escritório. Dentre as participações em eventos, destacamos a presença em diversas Bienais de Arquitetura, como: na Bienal de Arquitetura de Veneza, em 2004; na Bienal de Arquitetura de São Paulo, em 2005; e nas Trienais de Arquitetura de Milão, em 2004 e 2014. Das premiações, destacamos a indicação ao prêmio Mies van der Rohe, em 2008 (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018a).

Na área acadêmica, o arquiteto é professor na FAUP, desde 2001. Foi professor convidado na Escola de Arquitetura da Universidade de Navarra, na Espanha; na Escola de Hotelaria de Lausanne, na Suíça; e pelo Estúdio Barozzi, na Universidade de Girona, na Espanha. (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018a). As obras construídas de Nuno Brandão Costa possuem uma menor escala em relação aos demais arquitetos deste trabalho. Os projetos apresentados em seu portal eletrônico são, em grande parte, intervenções em propriedades residenciais, ou em edificações existentes. Porém, é possível perceber o tratamento de qualidade sóbria em relação às estruturas prévias das edificações, sejam elas habitadas ou em estado de ruína.

Das obras do arquiteto relacionadas a este tema, destacamos a restauração, ou transformação, de uma casa em ruínas, situada na região do Minho do Norte, Arga, em Caminha (2005 – 2009). A edificação original, construída em pedra, foi restaurada e ampliada, por meio da inserção de um volume anexo para comportar o programa de uma casa de férias. Assim como as técnicas construtivas, a relação dos usuários com a edificação/local também mudou ao longo do tempo. Originalmente, o imóvel era ocupado pelos moradores no pavimento superior, e pelos animais no pavimento térreo.

Nesta adequação de uso, uma varanda foi inserida no pavimento superior, junto à sala, para que os usuários tivessem vista para a paisagem. O arquiteto explica que, originalmente, a casa não a possuía porque as pessoas viviam mais tempo ao ar livre. Durante o período do dia, ficavam junto à paisagem e passavam o período da noite dentro de casa. Por isto, a edificação era “virada para dentro”. Porém, agora há uma inversão dessa dinâmica: passa-se mais tempo dentro de casa e os usuários querem ver a paisagem, de maneira que a varanda precisa estar voltada para ela (ARQUITECTURA DE GALICIA, 2015). As áreas que sofreram intervenção, ou foram adicionadas na edificação, são de fácil identificação. Existe um equilíbrio sóbrio entre o novo e o antigo, em que as ruínas de pedra existentes passaram a desempenhar novas funções, coerentes com o novo programa.

Também destacamos o projeto de requalificação do bairro São João de Deus (2014 - 2017), em Porto, um bairro de habitação social construído na década de 1940, durante o período do regime do Estado Novo, originalmente inspirado no modelo de cidade jardim. Porém, já nos anos 2000, as habitações estavam degradadas e com muitas modificações. Devido às condições de moradia e pobreza do bairro, houve um concurso para a sua requalificação, em 2013, que previa o aumento da metragem das casas, e a redução do número, de 125 para 97, atendendo a um baixo orçamento (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018b; ARTBO, 2017).

Para tanto, as soluções propostas foram baseadas na construção das habitações em série. A partir da utilização dos volumes das casas existentes, o arquiteto elaborou



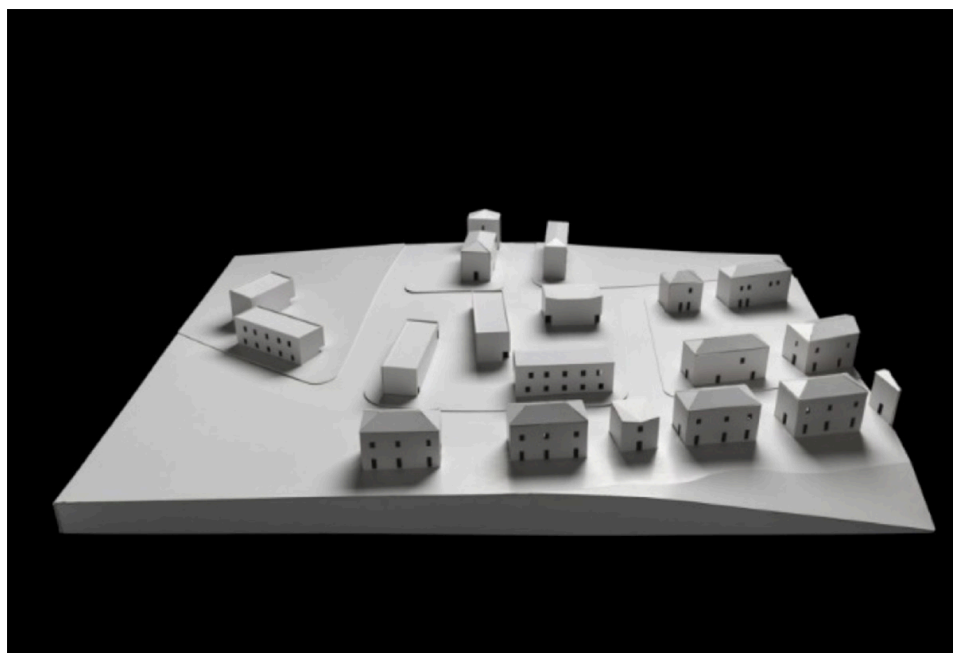
Figuras 22 e 23: Casa em Arga – vista externa (original e após intervenção). Fonte: Arménio Teixeira.



Figuras 24 e 25: Casa em Arga – vista externa (original e após intervenção). Fonte: Arménio Teixeira.

Figuras 26 e 27: Bairro S. João de Deus – maquete física, e local.
Fonte: Andre Cepeda. Fonte: openhouseporto.com, 2018.

diversas tipologias dentro de uma mesma escala, afim de atribuir continuidade ao espaço urbano existente, e reforçar uma coesão volumétrica a todos os volumes ao longo da topografia. Além das intervenções nas casas (ainda não finalizadas), uma área vazia foi utilizada para a construção de novos blocos de apartamentos, também em continuidade com a implantação do projeto original (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018b; ARTBO, 2017).





Figuras 28 e 29: Bairro S. João de Deus – maquete física, e local.
Fonte: Andre Cepeda.

As descrições das obras apresentadas no site do arquiteto, Nuno Brandão Costa, em geral, apresentam temas em comum, como a preservação da edificação existente (se houver); a influência do entorno urbano imediato ou da zona urbana em que está inserido; e continuidade com os elementos existentes. Por exemplo, sobre o projeto de uma escola primária, localizada em Matosinhos (2008 – 2011), “[...] *The canteen block is a larger volume which relates to the collective housing buildings in this urban area. [...]*” (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018c); ou no projeto de ampliação de uma escola, situada em Chaves (2009 – 2013), “[...] *The built plaza acts as a playground for the school and accentuates the layout of the existing buildings and their relationship with the landscape that can be seen from the place. [...]*” (BRANDÃO COSTA ARQUITECTOS, 2018d); entre outros.

Estes aspectos podem ser observados com clareza em alguns projetos, por meio de soluções sóbrias, o arquiteto elabora volumes simples que, utilizando técnicas construtivas contemporâneas, tendem a não promover rupturas urbanas. Nuno Brandão Costa afirma buscar a simplicidade em seus projetos, e manter apenas “aquilo que é essencial” nos espaços, uma vez que, por vezes, é imperativo realizar transformações significativas dentro de um baixo orçamento.

Teoria crítica e prática profissional

Ao longo deste artigo, foram apresentados dois grupos de arquitetos de destaque no cenário português. Para caracterizar a produção e contribuição de cada profissional, foram apresentados aspectos como: formação profissional, carreira acadêmica, principais premiações, e produção de obras pertinentes, na observação das abordagens projetuais. A partir desta análise panorâmica, podemos observar uma similaridade de abordagens entre as obras e discursos dos diferentes arquitetos, além de identificar alguns pontos em comum em suas trajetórias profissionais, e metodologias.

Academicamente, todos os arquitetos possuem passagem como docente em universidades, como professor efetivo ou visitante. Profissionalmente, com exceção de João Carrilho da Graça, todos os arquitetos trabalharam em escritórios de reconhecimento nacional e internacional, afirmando, com frequência, serem estas as experiências fundamentais para o seu desenvolvimento prático na profissão. Atualmente, como já comentado anteriormente, a dinâmica de mercado estabelecida após a década de 1980, especialmente com o avanço da *internet*, facilitou o acesso ao conhecimento de obras em nível mundial, de maneira que, além da influência de sua formação e experiência profissional, é possível que os arquitetos também absorvam referências de outras localidades, espontaneamente. Por isso, além da observação de obras construídas, foram observados elementos em comum nos discursos estabelecidos por eles.

Dessa forma, é possível sugerir a existência de uma linha contínua de abordagens projetuais entre os arquitetos e as obras analisadas, desde a primeira geração da Escola do Porto, com Fernando Távora, até o mais recente, Nuno Brandão Costa. Álvaro Siza Vieira parece evidenciar a convergência de todos os temas comentados, sendo, coincidentemente, o maior expoente da arquitetura portuguesa e do Porto. Dos pontos destacados entre as abordagens dos arquitetos, destacamos: (1) afirmação de técnicas construtivas contemporâneas, mesmo junto a edificações já existentes; (2) uso de materiais tradicionais e disponíveis na localidade; (3) preocupação com o

usuário no processo criativo da intervenção; (4) preocupação com as especificidades do local, cultural e física; (5) tratamento do patrimônio existente; (6) preocupação com o contexto urbano existente, com uma postura voltada à melhoria do lugar; (7) presença de espaços de uso público no nível da vivência do local.

Formalmente, estes pontos convergem na elaboração de volumes visualmente simples, a partir de releituras de elementos e abordagens, como a releitura do moderno, no Pavilhão da Quadra de Tênis, de Távora; das ilhas operárias, na intervenção da Bouça (no contexto do SAAL) de Siza Vieira; das colunas clássicas, no Mercado de Braga, de Souto de Moura. Adicionem-se as mais recentes e, talvez, menos diretas: a releitura de uma parede tradicional, na intervenção nas ruínas da praça, no Castelo de São Jorge, em Lisboa, de Carrilho da Graça; dos materiais tradicionais, tinta branca e tinta de alcatrão, no Museu marítimo de Ílhavo, do ateliê ARX; das pirâmide e abóboda, no Centro de Convívio em Grândola, do ateliê Aires Mateus; ou mesmo, da mudança na dinâmica do usuário, na restauração das ruínas da casa em Arga, de Brandão Costa.

Esta simplicidade também se reflete nos materiais das obras, em geral, volumes compostos por texturas uniformes, a partir de um mesmo acabamento, por vezes, totalmente branco ou combinado com elementos naturais, como a pedra. Porém, também incorporam elementos contemporâneos, como o vidro, o metal, revestimentos, entre outros, estendendo a explicação de Brandão Costa a respeito de sua obra (ARTBO, 2017), aos profissionais aqui apresentados. No processo de concepção e uso, a edificação visualmente simples torna-se complexa, devido às “sensibilidades” de cada programa, como: a pouca disponibilidade de recursos; a preocupação com o usuário; e a necessidade de atender às condicionantes do projeto.

Por fim, ainda podemos observar um grande esforço no estágio inicial do processo de trabalho de todos profissionais, a fim de atingir a forma ideal de suas obras e responder todas as condicionantes projetuais. Seja no uso das ferramentas do desenho pelos arquitetos da Escola do Porto; ou no uso exaustivo de maquetes físicas, como o Ateliê ARX; ou mesmo, a combinação das duas ferramentas, desenho e maquetes (em escala 1:20), utilizada por Aires Mateus.

Referências bibliográficas

- ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo. *Aires Mateus: Persona*. *Jornal Arquitectos*: Illegal, Portugal, v. 1, n. 226, p.66-76, jan. 2007. Trimestral. Entrevista. Disponível em: <<http://www.arquitectos.pt/?no=1010731393,248>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- ARCHDAILY. *AD Interviews: Francisco Aires Mateus*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Po-xVoHL-Ko>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- ARCHITECTURE BIENNALE. *Architecture Biennale - Aires Mateus e Associados (NOW Interviews)*. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AjkqZtaqR28>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- ARCHMARATHON 2015: *Speech ARX PORTUGAL: Project ÍLHAVO MARITIME MUSEUM EXTENSION*. Project ÍLHAVO MARITIME MUSEUM EXTENSION. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c4DokDoZaak>>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- ARQUITECTURA DE GALICIA. *Mesturas. Nuno Brandão Costa*. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VNcqjXCRYy4>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

- ARTBO. *EL ARTE DE LA FORMA - Nuno Brandão Costa*. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ed9trWMVUww&t=2057s>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- ARX Portugal Arquitectos, lda. *Estudio*. Disponível em <<http://arx.pt/estudio/>> acesso em 03 ago 2018.
- BAPTISTA, Luís Santiago; VENTOSA, Margarida. A estranheza é um dos graus de intensidade do familiar. In: *Arq./a: Arquitectura e Arte Contemporâneas*, Lisboa, v. 39, n. 1, p.16-23, out. 2006. Entrevista. Disponível em: <<https://www.revarqa.com/content/1/628/arx-portugal/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.
- BIENALES DE ARQUITECTURA. *Archivo de la BIAU*. 2018. Disponível em: <bienalesdearquitectura.es/index.php/es/archivo-bienales/archivo-bienal-iberoamericana>. Acesso em: 03 set. 2018.
- Brandão Costa Arquitectos. *Brandão Costa Arquitectos*. Disponível em <<https://www.nuno-brandaocosta.com/brandao-costa/>> acesso em 29 ago 2018a.
- _____. *S. João de Deus (phase 1)*. Disponível em <<https://www.brandaocosta.com/projetos/s-joao-de-deus-phase-1/?d=projeto-2>> acesso em 29 ago 2018b.
- _____. *Padrão*. Disponível em <<https://www.brandaocosta.com/projetos/padrao/?d=projeto-23>> acesso em 29 ago 2018c.
- _____. *Chaves ii*. Disponível em <<https://www.brandaocosta.com/projetos/chaves-ii/?d=projeto-21>> acesso em 29 ago 2018d.
- FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos. A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola. 2010. 806 f. *Tese (Doutorado)* - Curso de Arquitectura, Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, Minho, 2010.
- FIGUEIRA, Jorge. *A Periferia Perfeita: Pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa, Anos - 60 - Anos 80*. 2009. 537 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitectura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- _____. Uma arquitetura intacta. Museu Marítimo de Ílhavo, projeto de ARX Portugal. *Arquitextos*, São Paulo, ano 05, n. 051.03, Vitruvius, set. 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.051/555>>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- FIGUEIRA, Jorge. *Escola do Porto: Um Mapa Crítico*. Coimbra: Edições do Departamento de Arquitectura da Fctuc, 2002. 147 p. (Série B).
- FUNDACIÓ MIES VAN DER ROHE. *Archive*. 2018. Disponível em: <<http://www.miesarch.com/archive?classification=5&offices=AIRES+MATEUS&officeSelected=1616>>. Acesso em: 29 ago. 2018.
- JOÃO CARRILHO DA GRAÇA ARQUITECTOS. *Curriculum*. Disponível em <<http://jlcg.pt/curriculum>> acesso em 03 ago 2018.
- JORDÃO, Pedro; MENDES, Rui. *José Mateus e Nuno Mateus (ARX)*. *Entrevista*, São Paulo, ano 05, n. 020.03, Vitruvius, out. 2004 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.020/3321>>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- KOGAN, Gabriel; MORI, Renata. Manuel Aires Mateus: Raízes portuguesas, brasileiras. *Centro: Sobre começos & fins*, v. 0+, n. 1, ago. 2016. Disponível em: <<http://revistacentro.org/index.php/airesmateus/>>. Acesso em: 10 set. 2018.
- LOPES, Diogo Seixas. A Preto-e-Branco. In: GRAÇA, João Carrilho da et al (Org.). *Carrilho da Graça*: Lisboa. Porto: Dafne, 2015. Cap. 5. p. 86-93.
- MELÂNEO, Paula. Da Realidade-Real ao ARX Arquivo: duas décadas de obra de ARX-Portugal. In: *Arq./a: Arquitectura e Arte Contemporâneas*, Lisboa, v. 107, p.120-121, maio. 2013. Disponível em: <<http://arx.pt/publicacao/da-realidade-real-ao-arx-arquivo/>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

MELO, Maria (Coord.). *Guia de Arquitectura Álvaro Siza: projetos construídos Portugal*. 2 ed. Lisboa: A+A Books, 2017. 239 p.

MELO, Maria (Coord.). *Guia de Arquitectura Eduardo Souto de Moura: projetos construídos Portugal*. Lisboa: A+A Books, 2018a. 207 p.

MELO, Maria (Coord.). *Guia de Arquitectura do Porto: 1942 - 2017*. Lisboa: A+A Books, 2018b. 329 p.

PORTO. UNIVERSIDADE DO PORTO. *Fernando Távora*. 2016. Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20fernando%20t%C3%A1vora>. Acesso em: 30 jul. 2018.

UNIVERSIDADE AUTÔNOMA DE LISBOA (Lisboa). *Arquiteto Francisco Aires Mateus*. 2018. Disponível em: <<https://autonoma.pt/docentes/francisco-aires-mateus/>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Recebido [Jun. 04, 2019]

Aprovado [Set. 24, 2019]